

PALAVRA DE PROFESSOR

Segurança na escola

Joana Karam*

Há exatos dois meses fui vítima de um furto na instituição de ensino na qual trabalhava. Era por volta das 20h de uma segunda-feira, quando estava encerrando as atividades na escola e, para chavear a porta da sala de aula, escorei na parede externa minha bolsa pessoal, uma pasta com os materiais escolares, um aparelho de som e uma mochila contendo um *notebook*, modem de internet móvel e outros materiais. Foi a última lembrança que tenho desta mochila. Num pequeno momento de distração, todo material de cinco anos de docência desapareceu.

Após dezenas de ligações para colegas, professores, coordenadores e funcionários, durante aquela semana e a seguinte, não obtive qualquer sinal de esperança, nem mesmo de consideração por parte da escola. Foi uma sensação de total abandono.

Saí da escola sem um pedaço da minha história, pois todos os meus registros profissionais e pessoais dos últimos anos estavam dentro daquele computador, incluindo o trabalho de conclusão do mestrado que estava prestes a ser entregue. Até hoje estou aguardando uma satisfação sobre o que fizeram ou quem roubou meu *notebook*. A escola não me ressarcir e disse não ter condições de me ajudar a adquirir outro aparelho.

O que me deixou triste acima de tudo foi o descaso. Além de ter perdido todo um material impagável no sentido dos conteúdos que desenvolvi, do aparelho em si e dos gastos que tive para tentar recuperar este e, depois, para adquirir um novo computador, a escola sequer me deu satisfação, tampouco apoio para buscar medidas para tentar encontrar o computador, como divulgar com urgência para a comunidade se alguém encontrasse ou tivesse pegado a mochila por engano para devolver etc.

Como professora de Música e para desenvolver meu trabalho é fundamental a utilização dos recursos da tecnologia. Pelo que me é exigido fica complicado dar aulas de música somente com giz e quadro negro, ou branco. E por não ter os recursos necessários nesta escola, sempre levava meu aparelho de som, instrumentos diversos, computador com internet para mostrar vídeos, músicas e arranjos para reproduzir em sala de aula, bem como para os diversos eventos comemorativos do ano letivo. Em resumo, sempre levei meus materiais, visando fornecer uma educação musical adequada, confiando plenamente na escola; confiando que ali nada de mal iria acontecer.

Desejo de coração que todos os professores e principalmente as instituições ampliem o olhar sobre as necessidades de trabalho e que possamos receber de todas as escolas aquilo que é necessário para realizar com qualidade o nosso trabalho. Mais do que isso, devemos exigir segurança para que tenhamos tranquilidade, harmonia e paz de espírito para poder trabalhar e nos preocupar com o que deve ser o nosso principal foco na escola: a convivência digna, a educação e a construção dos saberes.

*Professora de Música – Porto Alegre/RS



VERISSIMO

Bananas

Li que a família de Jacobo Arbenz lançou uma campanha para recuperar o seu nome, na Guatemala. E nós com isso? Nada. Só que tive um assomo de nostalgia ao ler a notícia, por uma época em que a história era mais simples e seus vilões e vítimas mais facilmente identificáveis. Talvez só na Guerra Civil Espanhola se soubesse, com a mesma nitidez, qual era o lado “bom” de uma questão – antes, claro, dos nazistas surgirem como os bandidos indiscutíveis do século.

A Guatemala era o protótipo da “banana republic”. Sua dona era a americana United Fruit Company, que lá mantinha não só vastas plantações de bananas, mas grandes extensões de terra ociosa, como investimento e como garantia para futuras expansões.

O domínio da United Fruit sobre a política e a economia da Guatemala trazia escasso proveito social para o país. Jacobo Arbenz foi eleito livremente prometendo uma reforma agrária que fatalmente atingiria as propriedades americanas.

A United Fruit tinha notórias ligações políticas e um ativo lobby em Washington, e não foi difícil, com a Guerra Fria esquentando, convencer o presidente Eisenhower de que Arbenz significava um regime comunista no quintal dos Estados Unidos.

A CIA foi autorizada a intervir e derrubou Arbenz com menos pudor do que mostraria em intervenções futuras, na mesma zona – como em San Salvador – e no resto da América Latina e do mundo. O golpe ficou como um exemplo clássico, sem disfarces e sofismas, do

neocolonialismo cru em ação. Os disfarces, os sofismas e a retórica geopolítica viriam depois. No caso da Guatemala, era um povo contra a prepotência dos bananeiros. Simples.

Uma das consequências do golpe pró-United Fruit e da instalação de um regime apoiado pelos americanos foi uma sangrenta guerra civil que durou mais de 30 anos, com diversos grupos lançando-se na clandestinidade, milhares de mortos e atrocidades de lado a lado.

O fato da família de Arbenz estar buscando sua reabilitação indica que na história oficial do país ele ficou como vilão, não como vítima. Já a United Fruit não teve nada a ver com a história. Aliás, nem existe mais. Seu simpático nome agora é “Chiquita Brands” e seu produto principal a “Chiquita Banana”.



falaverissimo@gmail.com

Os artigos para a seção Palavra de Professor devem ser enviados até o dia 15 de cada mês com no máximo 1.800 caracteres para o e-mail palavradeprofessor@sinpro.rs.org.br

Escritório de Advocacia

* conveniado Sinpro/RS

Antônio Vicente Martins Advogados Associados

Avenida Borges de Medeiros, 2105 sala 910 | Praia de Belas | Porto Alegre | RS | Telefone 51 3061.4880 | contato@avmadvogados.com.br
www.avmadvogados.com.br

AVM
ANTÔNIO VICENTE MARTINS
ADVOGADOS ASSOCIADOS